

OS “EMPATES” COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NO MODO DE VIDA DOS SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA OCIDENTAL: A CONSTITUIÇÃO SOCIAL DE UM TERMO *

CARLOS ALBERTO ALVES DE SOUZA **

“O Empate foi uma palavra que nós criemo. Dentro do seringal, muitas das vezes, numa festa, os companheiros queriam brigar, entrava dois e “empatava” deles brigar. Então, essa foi uma palavra que veio da gente ...” (Raimundo Mendes de Barros, ex-seringueiro. Xapuri - Acre, 15/09/94).

Resumo: Este artigo trata da situação do seringueiro na região amazônica e das resistências e lutas, não apenas enquanto trabalhadores, mas em defesa de suas próprias vidas.

Este texto faz parte de um capítulo de minha Tese de Doutorado, apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUC/SP - no ano de 1996, dentro da perspectiva da linha de pesquisa Cultura e Trabalho, em História Social, do seu Programa de Estudos Pós-Graduados em História, quando tive a honra de ser orientado pela professora Doutora Déa Ribeiro Fenelon, importante marco de nossa historiografia nacional.

O Jornal o Rio Branco de 30 de Março de 1993 publicou, na Cidade de Rio Branco, Capital do Estado do Acre, a matéria “SERINGUEIROS REALIZAM EMPATE CONTRA A FOME E A DEVASTAÇÃO”:

“Seringueiros de toda a Amazônia realizam amanhã o ‘Empate Amazônico Contra a Fome e a Devastação da Floresta Amazônica’ como forma de protestar contra a atual política para a borracha nativa. Serão realizados atos de protestos em várias cidades da região e, em Rio Branco está prevista uma manifestação às 09:00 hs no trevo da confluência da BR 364 com a Rodovia Ac 40. O ponto alto da manifestação acontecerá em Brasília, quando seringueiros do Acre, Rondônia, Maranhão e Pará farão um ato de protesto carregando pêlas de borrachas que serão depositadas em frente ao prédio do Ministério da Fazenda”¹.

Esse “Empate”, articulado pelo Conselho Nacional de Seringueiros, era a materialização de mais uma fase de reivindicações dos seringueiros amazônicos junto às autoridades brasileiras. Representava a disposição daqueles trabalhadores em exigir dos governos estaduais e federal o cumprimento de atos institucionais que amenizassem a crise evidente da produção da borracha nativa dos ainda existentes seringais amazônicos: que a indústria nacional aumentasse a quantidade de toneladas de borracha a ser comprada da Amazônia; garantia de preço justo à borracha capaz de assegurar o sustento dos seringueiros; melhoria na qualidade da borracha nativa com assistência técnica; e que o governo possibilitasse linhas de crédito aos seringueiros para o implemento da produção, visando garantir a modernização do setor gumífero amazônico.

Vários municípios do Acre foram palcos de manifestações desses trabalhadores rurais. Não bastava somente o reconhecimento oficial por parte do governo federal, das Reservas Extrativistas. As condições para sua viabilização precisavam ser concretizadas. Isto só poderia acontecer com formas claras de manifestações políticas. Seringueiros de Xapuri, Brasiléia, Assis Brasil, Plácido de Castro e de Rio Branco realizaram “atos públicos” na capital acreana, em frente ao Palácio Rio Branco.

O “Empate Amazônico”, no Acre, foi levado a efeito nas Câmaras Municipais como forma de chamar a atenção das autoridades regionais para os problemas referentes à vida de sacrifícios dos seringueiros da Amazônia. Seu ponto alto seriam as manifestações realizadas nas capitais amazônicas e em Brasília.

Os seringueiros e suas entidades de apoio utilizam o termo “Empate” como símbolo de suas resistências, de suas lutas e de suas reivindicações. Uma fantástica projeção levando a crer que os Empates representam mais que uma resistência na luta pela posse da terra ou contra os desmatamentos. Empates, para esses trabalhadores da seringa, representam hoje a luta pela defesa de suas próprias vidas.

Os seringueiros que realizaram os primeiros Empates, na região acreana, não imaginavam que suas experiências de resistência chegassem a tamanhas proporções e representações. Para Chico Mendes, sindicalista de Xapuri, assassinado em 1988, a prática do Empate tem início em 1976:

“O Conselho Nacional dos Seringueiros surgiu de uma preocupação que nós, os seringueiros, tínhamos desde 1976 quando começamos o movimento de Empate das derrubadas, movimento de resistência contra os grandes

desmatamentos. Os momentos marcantes foram exatamente os enfrentamentos do movimento, a resistência dos seringueiros. As lutas contra os grandes desmatamentos foram momentos de grande expectativa. Em várias discussões, em várias reuniões, para avaliar cada momento de resistência, sempre se chegava à conclusão de que a única forma que se tinha era, através da mobilização, conseguir o fortalecimento do seringueiro na resistência contra o desmatamento (...) Com Wilson Pinheiro na direção do Sindicato de Brasília, este movimento de Empate se generaliza por toda a região. É um momento muito importante, 1978, 1979. Wilson Pinheiro consegue liderar o movimento ...”²

A verdade é que não dá para apresentar datas precisas dos primeiros empates na região acreana. Chico Mendes evidencia datas de empates ocorridos na região de Brasília. Empates nos moldes de uma prática de resistência dos seringueiros contra os desmatamentos da floresta promovidos por fazendeiros.

Antes de tornar-se referência para outras formas de resistência dos seringueiros amazônicos, a prática do Empate teve sua concretização no próprio viver do seringal e literalmente voltava-se para o impedimento de ações dos fazendeiros na realização de desmates. O próprio Chico Mendes nos oferece sua característica originária, de como era compreendido pelos trabalhadores seringueiros:

“Os empates são feitos através de mutirões dos seringueiros. À medida que os seringueiros tomam conhecimento de que têm companheiros ameaçados pelo desmatamento, que uma área está sendo ameaçada pelo desmatamento dos fazendeiros, se reúnem várias comunidades, principalmente a comunidade afetada, organizam-se assembleias no meio da mata mesmo e tiram-se lideranças, grupos de resistência que vão se colocar diante das foices e das motosserras de maneira pacífica, mas organizada”³.

Chico Mendes viveu essa experiência melhor que ninguém à frente das motosserras de fazendeiros, tentando evitar, juntamente com seringueiros, o desmate de áreas de seringais na região de Xapuri.

Empate é vida, é experiência social, gerado no viver de homens e mulheres no interior dos seringais; é constituído em um modo de vida onde predominam a luta pela sobrevivência na selva, a luta contra a exploração dos patrões, a luta contra os desmatamentos promovidos pelos fazendeiros e onde predomina também um modo de vida sustentado pela solidariedade. O Empate passou a ser uma prática constituída de intensos laços de solidariedade. É a defesa coletiva de um modo de vida constituído de lutas.

O termo *Empate* é próprio do linguajar elaborado nos seringais. Um termo que faz parte da “fala” nacional. Para os seringueiros significa “impedir” alguém de realizar uma ação, ação esta que prejudique ou ponha em risco o seu modo de vida, ou ainda que se apresente como contrária aos costumes do seu viver. “Empatar” é entendido como impedimento, é não permitir ações danosas à sua cultura. Em sua forma inicial, entre os seringueiros, quando das ações organizadas contra os fazendeiros, o termo “Empate” ou “Empatar” significa “não permitir que alguém promova desmatamentos em áreas, colocando em risco a sua sobrevivência”.

Para Aurélio Buarque de Holanda, os termos “Empatar” e “Empate” assumem vários significados:

*“Empatar. (Do it. impattare.) V. t. d. 1. Tolher o seguimento de; embaraçar; sustar, atalhar: A falta de material empatou o serviço. 2. Ocupar, tomar: A família empatava todo o seu tempo. 3. Aplicar (dinheiro) em circunstâncias não lucrativas. 4. Igualar (votações opostas ou tentos, no jogo). T. d. e i. 5. Empregar, aplicar: Empatou uma fortuna em ações. T. i. 6. Chegar ao fim de uma competição sem haver vencedor; igualar: o Vasco empatou com Flamengo. 7. Encontrar obstáculo(s); esbarrar. Int. 8. No jogo de xadrez, chegar a uma posição em que é impossível dar xeque-mate. Empate. (Dev. de empatar.) S. m. 1. Ato ou efeito de empatar. 2. Conclusão de jogo ou disputa sem que haja vencedor. 3. Indecisão, irresolução. 4. Bras. obstrução do tubo gastrintestinal em consequência da não digestão de alimentos acumulados”*⁴.

Para Aurélio Buarque, os termos “Empatar” e “Empate” assumem diversos significados. São significados que nos mostram uma dimensão nacional de como são empregados no dia-a-dia. Para os seringueiros, o termo “Empate” já é uma derivação do “Empatar” que tem sentido de “impedir” que outros homens causem problemas e coloquem em risco o seu viver.

Nos seringais de Brasiléia, a palavra “Empate” alcança dimensões em toda a região como algo que representa “conflitos”, “lutas”. Alcança esse significado. É uma linguagem de resistência, consagrada na experiência daqueles homens, mulheres e crianças, na luta em defesa do seu viver na floresta. Logo, esses trabalhadores assimilam o termo nesta direção: da resistência que mais tarde extrapola o âmbito do seringal para ser desdobrado em outras manifestações, como a do “Empate Amazônico Contra a Fome e a Devastação”

O termo “Empate” é uma auto-denominação dos seringueiros. Eles se organizam e decidem: “vamos realizar um empate”. A comunidade e sua autonomia, participando e constituindo suas próprias formas de lutas. É um

movimento em que os trabalhadores partem para a vitória, não permitindo, em muitos casos, que suas terras sejam invadidas e que suas florestas sejam queimadas. Não é uma ação para terminar “empatada”, ou seja, sem vencedor. É uma forma de resistência pela vida, em que alguém sai vencedor: seringueiros ou fazendeiros. Em muitos Empates, os seringueiros “perdem”, não conseguindo impedir ações danosas aos seus seringais.

Nem sempre, durante o acontecer de um Empate, os seringueiros conseguem evitar perdas. A luta alcança dimensões do imprevisto. Não dá para prever o desfecho. O desdobramento do “Empate” é que dirá o final da “peleja”. Depende do envolvimento de forças. O enfrentamento torna-se um ato que chega à beira da luta sangrenta, não fosse a pré-determinação dos seringueiros de evitarem o conflito armado. Os Empates podem acontecer apenas com a participação de parte de integrantes de uma comunidade. Nem sempre os Empates são organizados pelo conjunto de todos os homens e mulheres, devido a questões vinculadas às próprias formas de organização de tal forma de resistência, mesmo trazendo resultados coletivos para todos de uma área.

O “Empate” é forte e representativo quando demonstra a capacidade dos seringueiros de colocar em prática toda a solidariedade existente entre eles, experimentada em um viver de tradições de lutas. Um viver de sacrifícios e de atos solidários, tornando a vida possível em áreas quase que impróprias ao viver humano, que vai desde a exploração aos males naturais de insalubridades. O viver na floresta não é só de “paraíso verde”. Pode-se afirmar que ali também os seringueiros vivem um “inferno verde”, obrigando-os a construir um modo de vida em que a solidariedade torna-se uma necessidade.

O “fazer-se” do termo “empate”, como prática de resistência dos seringueiros de Brasília, tem uma historicidade. Ele foi elaborado no seu modo de vida, em sua cultura e repassado de geração à geração através da tradição oral vigente nos seringais acreanos. Numa entrevista realizada no dia 15 de setembro de 1994 com o sindicalista Raimundo Mendes de Barros, seringueiro de Xapuri, sob a minha coordenação, juntamente com alunos do Curso de História da UFAC, em fase de elaboração de suas monografias para conclusão de curso, aquele ex-seringueiro ofereceu explicações sobre a origem do termo:

“O Empate foi uma palavra que nós criamos. Dentro do seringal, muitas das vezes, numa festa, os companheiros queriam brigar, entrava dois e “empatava” deles brigar. Então, essa foi uma palavra que veio da gente. É ... o cara tava ali querendo avançar, querendo passar por dentro da

minha estrada, com a estrada dele, eu fui lá e “empatei” dele passar, fiz ele fazer um arroteio. O próprio seringueiro “empatou” do outro passar com a estrada dele dentro da dele. Então, dada aglutinação, o número que nós ...reunião para impedir do sujeito desmatar a colocação do companheiro, então expulsar o da Colocação, nós vamos lá “empatar” que esse sujeito faça isso. Então, a origem da palavra “empate” vem disso aí”⁵.

Raimundo Mendes de Barros nos coloca interessantes dimensões do viver nos seringais em que a palavra “empate” é utilizada: nas suas festas e nas Colocações de seringa quando seringueiros impedem que outros invadam ou desmatem áreas de “companheiros”.

O termo “empate” também surge, entre os seringueiros, no dia-a-dia do seu viver familiar, e também quando de suas resistências aos atos desonestos de patrões seringalistas.

São com esses marcos que tento explicar o uso da palavra “empate” entre os seringueiros, em sua forma mais original, antes da mesma ser colocada para denominar as ações desses trabalhadores contra os desmates praticados por fazendeiros.

“Empate” é um termo que surge em um modo de vida, onde conflitos são reais entre os trabalhadores seringueiros. São homens e mulheres que, mesmo designados como sendo uma categoria de trabalhadores rurais, vivem momentos de conflitos entre si. Vivem conflitos de valores morais e religiosos. Vivem conflitos por disputa de espaços de produção. E vivem em um meio de profunda solidariedade. Os momentos de conflitos vividos entre eles ocupam um espaço significativo em suas vidas. A solidariedade é dominante nesta cultura. O termo “empate” surge também durante esses momentos de conflitos, vividos por homens e mulheres de uma mesma realidade social do seringal. É nesse sentido que deve ser visto o mundo dos seringais. Os seringueiros, vivendo em um mesmo modo de vida, são capazes de desenvolver conflitos entre si, conflitos esses que se apoiam nas mais variadas dimensões.

Mesmo na cidade de Rio Branco e em outros centros urbanos do Acre, o termo “empatar” é utilizado frequentemente para também denominar algo que deve ser “impedido” de ser realizado. São traços do modo de vida dos seringueiros que aparecem nitidamente no viver urbano. A cidade também é um espaço utilizado por esses trabalhadores. A palavra “empate” é, portanto, veiculada concretamente na sociedade acreana. Talvez, a mesma remonte ao linguajar dos primeiros nordestinos que ocuparam a região do Acre para o trabalho da seringa a partir da segunda metade do século XIX e tenha percorrido todo esse

tempo e permanecido na tradição dos seringais.

O uso da palavra “empate” dá-se nas mais diversas situações do viver dos seringueiros. As festas são espaços onde a mesma pode ser utilizada. Os seringueiros, em sua maioria, são “apaixonados” por festas, por danças de forró. São bons dançarinos de ritmos originários do nordeste. A festa, tocada por forró, é uma tradição que remonta aos primeiros tempos da ocupação do Acre pelos nordestinos. Rapazes solteiros, moças, crianças, velhos, enfim, famílias inteiras são capazes de andar horas e dias em busca de uma festa. Têm seus próprios instrumentos: sanfona, banjo e pandeiro são suficientes para que eles dançam a noite inteira.

A ex-seringueira Valdiza Alencar de Souza, da região de Brasília, quando indagada “por que que seringueiros gostam tanto de festa?” Ela respondeu enfaticamente, dando-lhe um forte significado:

“A vida do seringueiro é lascada. Seringueiro trabalha e sofre. Seringueiro só dorme cedo e acorda cedo. E é correndo o dia inteiro pra dar de comer à família. Sobe ladeira e desce ladeira e é correndo direto na mata o dia inteiro, sujeito a uma onça comer ou uma cobra picar. É vida sofrida. Aí, uma vez na vida não fazer uma festa também! Né?”⁶.

As festas são momentos de afetividades e, ao mesmo tempo, de instantes de conflitos. Os seringueiros brigam entre si, após beberem dezenas de garrafas de cachaça pelos motivos mais fúteis. Quando os “companheiros”, termo utilizado entre eles, investem para separar as brigas, utilizam o termo “empatar”, ou seja, tentam impedir que as brigas tenham consequências mais graves.

São frequentes os conflitos entre seringueiros por questões de limites entre suas Colocações de seringa. Às vezes, torna-se necessária a intervenção de terceiros para que “empatem” conflitos mais graves entre os envolvidos. Brigam por uma propriedade que pertence ao seringalista.

Uma Colocação de Seringa, para o seringueiro que aprendeu a viver naquele ambiente, representa muito. Ali estão valores importantes de sua vida. É local de produção econômica e de constituição de um viver familiar. É o espaço onde “cria” seus filhos e os ensina o trabalho da seringa. Colocação de Seringa é a área do seringal onde mora o seringueiro. É onde estão suas Estradas de Seringa, suas árvores seringueiras, sua barraca (tapiri) e seu defumador. É por onde passam os Varadouros. É unidade de produção da borracha, da castanha, do feijão, do milho, do arroz etc. É sua vida. As Colocações de Seringa são localizadas no “centro” do seringal, no interior da floresta.

A forma tradicional de abastecimento de suas Colocações de seringa, quando o fornecimento de instrumentos de trabalho e alimentos se davam por

intermédio do proprietário do seringal, levava os seringueiros às duradouras dívidas. Essa relação de abastecimento entre seringalistas e seringueiros gerava uma relação conflituosa.

Essa relação de conflito dava-se por conta de que o abastecimento era uma forma direta de extorsão praticada pelos seringalistas. A católica Madalena Marchesine, Serva de Maria, relatou fato presenciado por ela, quando de suas andanças pelos seringais de Brasília no ano de 1972:

“Tinha um seringal que era o pior de todos. Parece que 3 ou 4 pessoas que sabiam ler e escrever. Foi o pior de todos. Eles diziam: ‘Eu não sei, eu não sei, eu trabalhei tanto. Este ano cortei muito mais seringa do que ano passado e tenho mais dívida do que ano passado’. Eu vou contar até um fato: chegamos numa casa e o dono tinha lista do seringalista, que tinha dado para pagar. Ele disse: ‘Olha, cortei tanta seringa este ano...’ Ele não sabia ler, nem escrever. Pegou a lista, olhou. Tinha 16 de setembro de 1978. 1978 era somado, como se ele tivesse comprado 1978 de coisas. E quando dissemos: vai lá e diz que data não é para se pagar. O dono do Barracão ficou brabo com as irmãs. Eles não entendiam, coitados, que não estava certo. Não sabiam ler, nem escrever. Só aquele lá do Barracão que sabia, enganava eles”⁷.

O seringueiro que aprendia a ler e a escrever, muitas vezes, “empatava” de ser enganado pelo patrão em suas contas correntes.

Quando seringueiros invadiam Estradas de Seringa de outro, os vizinhos mais próximos, evitando conflitos e até mortes, “empatavam” as ações dos invasores, amenizando o problema.

As Estradas de Seringa também eram atingidas por derrubadas de seringueiros que, ao “brocar” seus roçados, alcançavam Colocações do vizinho. Contra isto cabia uma ação de “empate”, ou seja, o seringueiro atingido pelo desmate impedia que a derrubada continuasse a afetar suas Estradas de Seringa.

Ao percorrer suas Estradas de Seringa, o seringueiro é capaz de perceber os mínimos detalhes de suas madeiras. É por onde ele percorre para experimentar outras dimensões do seu viver. Nos dias em que não está cortando seringa, sai para as suas caçadas ou em busca de frutos extraídos da floresta que possam completar sua dieta alimentar.

Quando a Colocação de Seringa é boa de caça, ou seja, quando ainda comporta muitos animais em sua floresta, o seringueiro arrisca matá-los durante o dia, acompanhado de seus cachorros. Quando os animais tornam-se raros, ele sai à noite, de preferência quando a lua está cheia. O seringueiro, vê a carne dos animais como uma dádiva de Deus, colocados ali no meio da

floresta para servirem aos homens, mulheres e crianças que moram no interior dos seringais. Uma vez caçada, a carne do animal não é vendida pelo caçador, que prefere repartir com o vizinho por acreditar que aquilo é de todos, que deve servir a todos.

Durante as noites, os seringueiros montam suas “Esperas”, local onde eles “esperam” o animal a ser abatido a tiros. As “Esperas” são construídas em locais onde os animais vêm em busca de comida. Por isso, quando caçam à noite, dizem que vão para determinada “comida”, definida de acordo com o tipo de frutas que os animais comem. O trabalhador da borracha escolhe o tipo de animal que quer caçar, de conformidade com as frutas das árvores em que vai “esperar”, deitado em uma rede, atada entre duas árvores ou sentado em uma espécie de andaime amarrado entre duas árvores. Se a árvore escolhida é a Gameleira, poderá aparecer o veado, a paca, a cutia, o porco e a anta. Se é Guariúba, virá o macaco, a embiara, o jacu, o papagaio. Já a Entaúba é uma árvore que todo animal come a sua semente. Trepados nessas árvores, os seringueiros “esperam” os animais a ser caçados.

A velha “companheira” dos seringueiros, a floresta, presencia, naquele Modo de Vida, as mais diversas experiências sociais daqueles trabalhadores. Vividas em suas barracas, em suas Estradas de Seringa e nos Varadouros.

Os mais supersticiosos caçadores acreditam na existência da PANEMA. Situação em que ficam “empatados” de caçar. Não conseguem matar nenhum animal na floresta. Fazem pontaria. Atiram e erram. Não enxergam o animal à sua frente. Passam bastante tempo sem conseguir carne de caça. Acreditam profundamente no “azar” de um caçador com Panema. Por isso tentam evitar as situações que a causam. É extremamente constrangedor um caçador panemado.

Os caçadores seringueiros evitam doar carne de suas caças às pessoas invejosas. Os invejosos podem enterrar os ossos do animal no fogão de barro ou até mesmo jogá-los na “privada”. Podem chegar ao extremo de realizar suas necessidades fisiológicas sobre esses ossos. Tudo isto são fortes motivos para panemar um seringueiro caçador.

Outros caçadores seringueiros não permitem que mulheres gestantes comam de suas caças. Isto dá Panema. Da mesma forma, acreditam que um homem “picado” de cobra pode até morrer se for visitado por uma mulher nesse “estado”.

Para a cura, para voltarem a ser bons caçadores, fazem remédios do mato. Pegam o Tipi, a pena de Nambu Azul, o cabelo do Porquinho do Mato, o cabelo de um Veado, colocam dentro de uma panela. Fervem. E recebem o vapor, a

fumaça da mistura. Após isto, estão novamente habilitados para as suas caçadas.

O viver no seringal cria situações que geram conflitos entre os próprios seringueiros. O roubo de pélas de borracha era uma forma que os praticantes desse ato encontravam para ganhar um dinheiro a mais. O roubo não é exercido por ladrões profissionais, mas por trabalhadores que, aproveitando-se de ocasiões favoráveis, não perdem a oportunidade.

Quando pode, o seringueiro atingido pelo roubo consegue “empatar” outras ações danosas à sua produção, descobrindo os responsáveis, levando ao conhecimento do patrão os nomes dos que praticaram o delito para as devidas punições, chegando, às vezes, até a prestar Queixa na Delegacia de Polícia da cidade de Brasília.

O termo “Empate” é utilizado com frequência nas mais diferentes situações do modo de vida dos seringueiros. Não só nas situações de conflitos entre seringueiros e patrões ou entre seringueiros e seringueiros. No dia-a-dia do seu trabalho eles “empatam” muitas situações adversas às suas atividades.

O trabalho do seringueiro faz com ele permaneça a maior parte do seu tempo na floresta. É uma vida dura, de sacrifícios, imposta aos nordestinos seringueiros a partir da segunda metade do século XIX. Suas lutas não são somente contra os desonestos patrões, mas também travam lutas de proporções imensas no interior das florestas pela sobrevivência, contra a fome, contra doenças e os perigos naturais dos seringais.

Os seringueiros conviveram durante décadas com as normas e disciplinas impostas pelos primeiros proprietários de seringais, com a obrigação de venderem sua produção de borracha ao Barracão do patrão; de adquirirem utensílios de trabalhos, materiais de uso pessoais e alimentos, somente com o seringalista, que também os proibiam de cultivar roçados e de caçar. Na verdade, essas imposições foram sendo quebradas ao longo da história de luta dos seringueiros. Não posso, por ser impossível, determinar uma periodização para a quebra dessas obrigações. As imposições podem sofrer mudanças de seringal para seringal. No entanto, alguns referenciais gerais importantes podem trazidos, pois merecem ser considerados.

As proibições mantidas contra os seringueiros, de não poderem cultivar roçados, para dedicarem-se somente à agricultura, foram quebradas, em muitos seringais, quando da crise da produção gumífera amazônica, a partir de 1910. Pedro Martinello demonstra-nos esse quadro de crise:

“Ao entrar em colapso o extrativismo da borracha, entrou em crise também o sistema de aviamento que organizava as forças produtivas e as relações de produção do Vale. Isto significa que entrou em colapso o sistema de

*suprimento de armas, ferramentas, utensílios domésticos, medicamentos, bebidas, vários outros produtos e inclusive os gêneros alimentícios (...). Ao mono-extrativismo da borracha sucedeu uma economia diversificada, ainda que voltada principalmente para o consumo local. Culturas de subsistência surgiram nas Várzeas onde a mandioca, o arroz, o feijão e o milho se achavam sempre presentes (...). O seringueiro já familiarizado com a floresta e acostumado, no inverno (período de entressafra) a se deslocar para a coleta de ouriços nos castanhais, demonstrou maior interesse pela exploração de *bertholletia excelsa*. A castanha foi, de fato, ao menos em certas áreas, a atividade que mais contribuiu para a sustentação da economia amazônica, quando ocorreu o fim do monopólio da borracha”⁸.*

Essa crise em que os seringalistas se viram, em sua maioria, sem as mercadorias fornecidas pelos comerciantes de Belém e de Manaus (Casas Aviadoras), levaram os seringueiros a forçar os patrões a liberar o cultivo de roçados. Os seringalistas abriam mão de uma imposição que os faziam agir de forma violenta quando descobriam que algum seringueiro estava dedicando parte do seu tempo para com outras atividades. Os seringueiros, rompendo com as obrigações impostas, já plantavam seus roçados, mesmo correndo riscos de serem castigados pelos patrões.

Os seringueiros do Acre, com a crise, deram grande impulso à tradição de cultivos de roçados em suas Colocações de Seringa. Isto “empatava” que ficassem literalmente vinculados aos aviamentos dos patrões.

Com a projeção da Amazônia brasileira novamente como região exportadora de borracha, no período da II Guerra Mundial, quando o movimento nos seus seringais torna-se forte novamente, os trabalhadores nordestinos, em sua grande maioria, recrutados para a “Batalha da Borracha”, passaram a vir para a Amazônia mediante um Contrato de Trabalho - hoje conhecidos como Soldados da Borracha -, reforçando a autoridade do patrão seringalista em disciplinar o trabalhador, trazendo algumas concessões aos seringueiros⁹.

O barbeiro José Rebouças, ex-soldado da borracha, que hoje mora na cidade de Brasília, foi um dos que veio para a Amazônia produzir borracha: *“Eu vim para o Acre em 1943. Chegamos em Rio Branco por volta das cinco horas da tarde. Desembarcamos no, hoje, Bairro “15”. No desembarque fomos recebidos e corrigidos por um cabo de polícia e expliquei a ele que nós tínhamos um Contrato com o Governo, pela SEMTA. Eu estava no acampamento, se apresentou um cidadão, doutor Arnaldo Matos, perguntando se eu era Soldado da Borracha. Ele falou que veio*

incumbido, por ordem do prefeito de Brasiléia para levar 22 homens, Soldados da Borracha, que quisessem ir para Brasiléia, sendo 11 para a Prefeitura e 11 para a Inspetoria Agrícola. Perguntei onde ficava Brasiléia e ele disse que ficava na cabeceira do rio Acre. Me perguntou se eu topava. Eu disse que sim. Chegamos em Brasiléia em 5 de agosto de 1943. A parte da Inspetoria Agrícola, esses 11 homens ficaram trabalhando nesse trabalho. Fomos para o seringal, onde passei cinco anos cortando seringa. Me casei em Brasiléia em 1945. Enjoei da vida do seringal e vim para a cidade. Cheguei aqui, fiquei trabalhando na prefeitura como empreiteiro, exercendo a humilde função de barbeiro”¹⁰

Esse período, chamado por muitos de “Batalha da Borracha”, permitiu em muito a permanência, na cidade de Brasiléia, de trabalhadores recrutados para o trabalho da borracha. Cidades como Rio Branco, Xapuri, Cruzeiro do Sul e Sena Madureira também receberam como moradores esses nordestinos. O Governo de Getúlio Vargas financiava toda a viagem, do Nordeste ao Acre. João Rebouças, antes de partir de Fortaleza, recebeu do governo uma calça azul, uma blusa branca, um chapéu de palha, um prato, uma colher ligada a um garfo, uma caneca grande de esmalte, uma rede, um cobertor, um par de sandálias e uma sacola para colocar o equipamento de viagem e medicamentos. No entanto, nos seringais, quando estabelecidos em suas Colocações de Seringa, deparavam-se com antigas relações de dominações constituídas e próprias dos seringais. Ali, eles também constituiriam resistências. É de se afirmar também que as possibilidades de sair dos seringais aumentaram, principalmente quando, a partir do final do ano de 1945, iniciou-se novamente um período de crise na produção de borracha amazônica, ao final da Segunda Guerra Mundial.

É comum encontrar Soldados da Borracha pelas ruas das cidades do Acre, já aposentados. Uma parte morando há anos na área urbana. Outros ainda continuam a morar nos seringais.

O Contrato de Trabalho, assinado entre seringalistas e seringueiros, era uma imposição do Governo Federal, vigorado a partir de 1942, por força de denúncias a respeito das condições de vida dos seringueiros e das ações desonestas de seringalistas. Essas denúncias eram correntes nos relatos de viajantes.

O termo “Empate”, também, no viver do seringal, era utilizado pelo patrão seringalista, quando o mesmo “empatava” o trabalhador de plantar roçados. “Empatava” do seringueiro obter saldos. Uma lógica perversa do funcionamento do seringal. Neste contexto, o termo “Empate” também era constituído.

As desilusões, no entanto, atingem a maioria desses trabalhadores que

derramam intensamente, durante dias e mais dias, o suor de seus rostos. No final de cada safra, no entanto, surpreendem-se com contas nos Barracões desfavoráveis aos seus esforços. A prática de trabalhar muito para produzir muita borracha era uma maneira também de “empatar” que continuasse presos às dívidas, junto ao patrão.

O seringueiro encontra-se diante de perspectivas: trabalha muito no corte da seringa para rapidamente tentar livrar-se daquele modo de vida; acostuma-se ao modo de vida no seringal, fazendo dele o seu viver, enfrentando os atos desonestos de patrões e o trabalho intenso, resistindo, de todas as formas possíveis, mesmo porque, em muito casos, não pensa viver em outros ambientes porque só sabe cortar seringa.

O “fazer-se” dos seringueiros desperta a curiosidade dos filhos por aquela atividade. Quando não, são obrigados a ajudar os pais na extração do látex. Quando a família é numerosa, nas madrugadas, antes do início do corte da seringa, a movimentação é grande no interior da Barraca. As filhas, ou a filha única, e a mãe ajudam a fazer o café, esquentam ou fazem a “bóia”, a comida. Os filhos homens acompanham o pai que lhes ensina o ofício. Os filhos mais velhos ensinam aos mais novos. O ambiente de trabalho envolve todos.

A família significa para o seringueiro ter com quem dividir o cotidiano de um seringal que não é só de trabalho, mas também de lazer e de solidariedade. É a possibilidade de “empatar” de viver na solidão de um tapiri. Seringueiro sem família significa viver sozinho no meio da floresta, sem ter com quem dividir suas tarefas, suas angústias e suas alegrias.

É na família que os filhos de seringueiros aprendem o ofício, diferente dos primeiros que chegaram na região de Brasília tendo que aprender o trabalho com outros mais experientes. Ensinar ao filho o ofício de cortar seringa é “empatar” que se torne um sujeito sem profissão, um seringueiro sem qualificação. Os pais levam os filhos para as Estradas de Seringa, lugares em que as experiências com o trabalho são vividas intensamente. O aprendiz só precisa ter a idade de 10 anos. Alguns já começam até com oito anos.

O seringueiro Evaristo de Oliveira Lima aprendeu a cortar seringa com seu pai. E, com a idade de oito anos, já praticava, com a irmã de nove anos, o corte da seringa, em Brasília, no seringal São João:

“Comecei a cortar seringa com oito anos. Eu com oito e minha irmã com nove. Ela raspava, desde o roço até o corte da seringa. Ela fazia mais eu, ela fazia mais eu. Então, eu cortava as bandeiras mais baixa e ela cortava as mais altinhas. As que não alcançava a gente colocava um pauzinho. Nós ia desarmado. Depois fomos aprendendo. Aí passou todo mundo a

atirar. Inclusive, ela ajudou até os 15 anos de idade dela, quando ela possuiu família. Ela ajudava a caçar, ela ajudava a pescar, ajudava a fazer tudo. E depois eu fiquei mais a outra irmã mais esse rapaz que tá aí, que é mais novo do que eu sete anos, ajudando a criar ele, até que foi a época que a gente foi ficando homem feito e fumo trabalhando prá viver por conta própria . Com 65 anos meu pai faleceu. Aí já tava como pai de família, com 4 filhinhos. Casei e fiquei morando com meu pai, aí resolveu dá uma viajadinha na casa dos outros filhos. Aí adoeceu e morreu. E hoje eu estou completando completinho 20 anos nesse lugar que hoje eu tô morando”¹¹.

Durante o tempo em que o seringueiro encerra o seu trabalho até deitar-se para dormir, a família reúne em conversas que trazem à tona questões ligadas ao seu viver. Quando estão dispostos, não abatidos pelo dia de trabalho na seringa, à luz da lamparina, jogam baralho.

Quando tem rádio, escutam as mensagens, as melodia ofertadas e as notícias locais e nacionais que podem informar a respeito, por exemplo, da política do governo federal para com a borracha e o seu valor no mercado. O seringueiro Antônio Carneiro da Silva, em Brasília, viveu uma época em que os patrões não permitiam que “seus” seringueiros possuíssem rádios tentando “empatar” que os trabalhadores se informassem dos preços de sua produção gumífera nos mercados internacional e nacional:

“Trabalhei na Bolívia e no Brasil , no seringal Sacado. De uns tempos prá cá melhorou. E na época de 1956 a 1962 seringueiro não podia usar rádio que era proibido pelos seringalistas. Porque achava que rádio dava o preço da borracha. E naquele tempo o Banco era em Belém. Aí os seringalistas passava as notas no rádio, mas se nós não tivesse rádio ninguém escutava. Era proibido comprar rádio. Aí foi quebrando o monopólio. Deles que foram comprando com toda encrenca. Aí foram comprando rádio. Aí foi tomando as correspondência deles, que aí já ia descobrindo quando dizia assim:” Não tenho preço prá borracha”. Aí o seringueiro dizia: “A borracha aumentou”. Naquela época não existia a Rádio Nacional. A gente escutava a Tupi do Rio, a Record de São Paulo. Era uma das Radio mais velha que existia no nosso país era a Tupi do Rio, a Record de São Paulo e a Globo”¹².

Era a resistência por meio do “rádio”. O rádio “empatava” que o seringueiro se tornasse um sujeito desinformado do preço da borracha no mercado nacional e internacional. Daí sabiam por quanto estavam entregando a borracha aos seus patrões. Além disso, os que gostavam de usar rádio com mais frequência,

aproveitavam para ouvir seus programas: religiosos, musicais, noticiários etc.

O termo “Empate” foi constituído em um viver de diferentes dimensões, fortalecido por uma Tradição Oral existente nos seringais. Utilizado nas mais frequentes e diferentes situações até chegar a tornar-se uma real forma de resistência sistematizada. Os seringueiros apropriaram-se de um termo próprio do seu viver, como tentei demonstrar neste Capítulo. Suas lutas, suas experiências foram capazes de fazer com que muitos de sua categoria tivessem consciência clara do que representam suas resistências. Resistências organizadas em um viver constituído por práticas de solidariedades, de ajuda mútua, entre homens, mulheres e crianças dos seringais, formando uma tradição de lutas, estando, aí inclusos os Empates.

Abstract: This article deals with the condition of rubber gatherers in the Amazon region and their resistance movements struggle not only as workers, but defending their own lives.

NOTAS:

- * Texto extraído da sua Tese de Doutorado “Varadouros da Liberdade”: Empates no modo de vida dos seringueiros de Brasiléia-Acre. São Paulo, PUC-SP, 1996. Mimeo.
- ** Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Acre.
- ¹ Jornal O Rio Branco. Rio Branco, 30.03.93.
- ² GRZYBOWSKI, Cândido. *Testamento do homem da floresta: Chico Mendes por ele mesmo*. 3ed. Rio de Janeiro, FASE, 1989. p.18.
- ³ *Ibid.*, p.38.
- ⁴ HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 636.
- ⁵ Trecho do depoimento oral do sindicalista e seringueiro Raimundo Mendes de Barros. Xapurí, 15/09/94.
- ⁶ Trecho do depoimento oral da ex-seringueira Valdíza Alencar de Souza. Rio Branco, 1993.
- ⁷ Trecho do depoimento oral da religiosa católica, da Ordem dos Servos de Maria, Madalena Marchesini. Rio Branco, 1993.
- ⁸ MARTINELLO, Pedro. *A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o vale amazônico*. Rio Branco, UFAC (Cadernos UFAC, série “C”- Estudos Sociais), 1988, p.p. 55-59.
- ⁹ Acerca das “Clausulas Gerais do Contrato Padrão de Trabalho nos seringais, ver MARTINELLO, Pedro. *A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o vale amazônico*. Rio Branco, UFAC (Cadernos UFAC,

OS "EMPATES" COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NO MODO DE VIDA DOS SERINGUEIROS DA
AMAZÔNIA OCIDENTAL: A CONSTITUIÇÃO SOCIAL DE UM TERMO

série "C"- Estudos Sociais), 1988, pp. 367-368.

¹⁰ Trecho do depoimento oral do ex-soldado da borracha José Rebouças de Freitas. IN: SOUZA, Carlos Alberto Alves de. et alli. Memórias de Brasília. Rio Branco, UFAC, 1992, pp. 66-69.

¹¹ Trecho do depoimento oral do seringueiro Evaristo de Oliveira Lima. Brasília, 1993.

¹² Trecho do depoimento oral do seringueiro Antônio Carneiro da Silva. Brasília, 1992.